

Brasileiro: Flu empata com o líder Atlético-MG; Botafogo não resiste ao Grêmio PÁGINA 29

O português do Vasco: Após 59 anos sem um treinador estrangeiro, clube fecha com Ricardo Sá Pinto até o fim do Brasileiro PÁGINA 30



O GLOBO

Irineu Marinho (1876-1925) — (1904-2003) Roberto Marinho

RIO DE JANEIRO, QUINTA-FEIRA, 15 DE OUTUBRO DE 2020 ANO XCVI - Nº 31.846 • PREÇO DESTE EXEMPLAR NO RJ • R\$ 5,00 2ª EDIÇÃO



ALEXANDRE CASSIANO

EFEITO COVID **Pobreza no Rio na contramão do país**

Em movimento inverso ao que ocorre no país, o número de pobres cresceu no Estado do Rio. Segundo estudo do economista Marcelo Neri, diretor da FGV Social, 270 mil fluminenses entraram na pobreza em agosto. O peso do setor de serviços, que vem tendo recuperação mais lenta no Rio e é maior que a média do país, colaborou para o movimento. Outros fatores são a alta informalidade e o impacto do auxílio emergencial ser menor que em outros estados. PÁGINA 21

Informais. Os trabalhadores por conta própria, como os ambulantes, foram os que mais sofreram o impacto das medidas de quarentena, com queda brusca de renda que resultou no aumento da pobreza no Rio

POLÊMICA JUDICIAL

Maioria do STF vota para manter prisão de traficante

Julgamento, interrompido em 6 a 0, será retomado hoje. Decisão do plenário servirá de precedente para situações semelhantes

Por 6 a 0, o Supremo Tribunal Federal (STF) formou maioria, em julgamento que foi interrompido e será retomado hoje, para manter a ordem de prisão do traficante André do Rap, considerado um dos mais perigosos do país, chefe de uma facção criminosa paulista. Ele foi colocado em liber-

dade no sábado passado, por ordem do ministro Marco Aurélio Mello, decano do STF. Os seis ministros também se posicionaram a favor de restrições ao alcance da lei que determina a necessidade de se reavaliar, a cada 90 dias, o pedido de prisão preventiva. A decisão de Marco Aurélio já

havia sido revogada pelo presidente da Corte, Luiz Fux, mas não a tempo de evitar a fuga do bandido. Em seu voto ontem, Fux argumentou que Marco Aurélio havia ignorado decisões da Primeira e da Segunda Turma e alertou para um potencial de "gravíssima insegurança jurídica". PÁGINA 4

ELEIÇÕES 2020 ENTREVISTAS

'Não me arrependo das decisões que tomei na pandemia', diz Covas

Candidato à reeleição, o prefeito de São Paulo, Bruno Covas (PSDB), diz por que decidiu abordar seu tratamento contra um câncer no horário eleitoral. Sobre o fato de o governador João Doria estar ausente de sua campanha até aqui, ele diz que o aliado aparecerá na sua propaganda na TV no momento certo. PÁGINA 8

DE OLHO NA BOLSA

JBS faz acordos para encerrar ações nos EUA

PÁGINA 25

CASA PRÓPRIA

Caixa reduz juro e facilita acesso a crédito

PÁGINA 23

FMI prevê que dívida passará de 100% do PIB

OPERAÇÃO DESVID-19

Senador flagrado com dinheiro na cueca

ENTREVISTA / MAURÍCIO RODRIGUES

'Meritocracia vem com mínima condição para crescimento'

Contra 2ª onda, França impõe toque de recolher

EFEITO DA PANDEMIA

POBREZA VOLTA A SUBIR NO RIO

Mais 270 mil pessoas passam a ganhar até meio salário em agosto

CÁSSIA ALMEIDA
E CAROLINA NALIN*
economia@oglobo.com.br

Mais 270 mil fluminenses entraram na pobreza em agosto, de acordo com estudo do economista Marcelo Neri, diretor da FGV Social. A pobreza voltou a subir no Rio, num movimento inverso ao que aconteceu no Brasil, onde o número de pobres continuou a cair. Ela subiu 1,55% no mês, pelos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Covid-19, do IBGE. No país, caiu 3,74%.

— Menos pessoas recebem o Bolsa Família no Rio, se comparado com o percentual no restante do país, mas o estado tem uma informalidade quase nordestina. Esse aumento da

pobreza pode indicar que o Rio ainda está patinando na retomada — afirma Neri.

A queda da pobreza no Estado do Rio já vem inferior à média brasileira. De 2019 a agosto deste ano, caiu 15,65% contra 23,7% no Brasil. Até julho, tinha caído 16,9%. Em agosto, contudo, havia 3,55 milhões ganhando até meio salário mínimo, o patamar de renda da linha de pobreza usada por Neri.

MENOS AUXÍLIO NO RIO

Marcel Balassiano, economista do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da FGV, diz que o Rio tem andado mais devagar que o Brasil. O peso do setor de serviços, que vem reagindo mais devagar diante da necessidade de distanciamen-

to social, é de 80% na economia fluminense, mais do que no Brasil, que é de 70%.

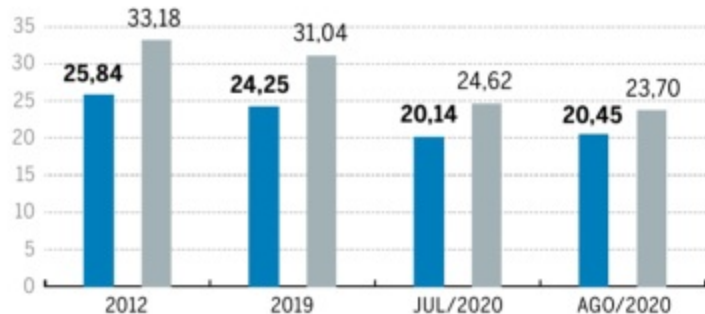
— O auxílio emergencial, que ajudou o Produto Interno Bruto (PIB) a cair menos, tem impacto menor no Rio. Ele é o sexto estado com menor número de pessoas recebendo o benefício — diz Balassiano.

A alta informalidade no Rio não ajudou. Foram os trabalhadores por conta própria os que mais sofreram com a quarentena, perdendo renda do dia para a noite. E, no Rio, o número de informais vem aumentando mais do que no restante do país. Enquanto, no Brasil, a informalidade subiu três pontos percentuais, no Rio, foram sete pontos a mais de 2015 a 2019.

O auxílio ajudou a diminuir

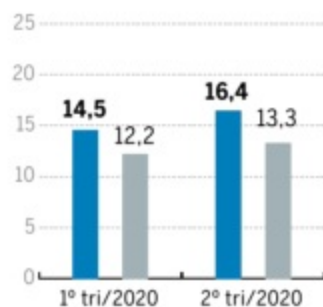
RETROCESSO NO ESTADO

PARCELA DE POBRES NA POPULAÇÃO (renda per capita de até 1/2 salário mínimo, em %)



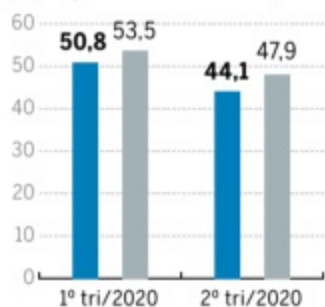
MERCADO DE TRABALHO

Taxa de desemprego (%)



Nível de ocupação

(quem está ocupado na população de 14 anos ou mais)



População trabalhadora informal



Fontes: Estudo FGV Social e IBGE

Editoria de Arte

a pobreza em todas as regiões, inclusive no Rio, mas não foi suficiente para manter esse movimento de queda quando começou o relaxamento da quarentena, explica Neri:

—O auxílio impactou o Rio

até julho de 2020. A pobreza não caiu mais no Rio pela dificuldade no relançamento da economia fluminense. A informalidade alta e ter muitos idosos dificultam ainda mais.

Mesmo com a alta em agos-

to, a pobreza no Rio continua inferior à do Brasil. No estado, 20,45% da população ganham até meio salário mínimo per capita. No Brasil, são 23,70%.

Segundo Balassiano, o Rio, como o Brasil, entrou em recessão sem ter se recuperado da anterior, em 2015 e 2016. Mas a situação estava mais crítica no estado. Enquanto o país começou a crescer novamente a partir de 2016, o estado só voltou a crescer em 2019:

— Antes da pandemia, o setor de serviços estava quase 30% abaixo dos níveis anteriores à recessão de 2015. A Covid só veio agravar os problemas.

A estudante de Enfermagem Rafaela Dutra estava empregada no setor de serviços quando foi demitida em abril. Moradora da Penha, na Zona Norte do Rio, trabalhava numa rede de hotelaria em Copacabana, na Zona Sul, há seis anos. Sua renda, que variava de um a dois salários mínimos, caiu para zero. Foram três meses enviando currículos. Sem retorno, a saída foi vender roupas em um camelô no Centro da cidade, mas a renda mal chega a meio salário mínimo:

— Tem dia que não vendo R\$ 50. Muitas pessoas ainda estão trabalhando em casa, o movimento está muito fraco. O que cresceu mesmo foi a quantidade de ambulantes que foram para a rua porque perderam o emprego. Está difícil para todos, agente vende o almoço para poder jantar.

DESEMPREGO MAIOR

A taxa de desemprego no Rio é maior que a média nacional. O índice do IBGE está em 16,4% contra 13,3% no país.

— O Rio é a segunda maior economia do país, mas tem 5,3 milhões de trabalhadores vulneráveis — afirma Balassiano.

O economista considera vulneráveis os desempregados; os que não procuraram vaga, mas estão disponíveis para trabalhar; e os informais.

O setor de petróleo está indo bem, afirma Jonathas Goulart, gerente de Estudos Econômicos da Firjan, mas não tem impulso para empregar mais:

— É um setor que emprega muito pouco.

Goulart diz que a indústria que fornece para setor de alimentos e construção civil está crescendo. Ele afirma que é preciso esperar mais um pouco para saber se esse movimento de piora nos indicadores sociais em agosto é pontual ou uma tendência:

— Os serviços têm reação mais lenta, que só deve acontecer em 2021. Algumas indústrias estão mais fortes e outras andaram de lado. Temos que ver se esse movimento (de aumento da pobreza) é permanente ou pontual.

Para Neri, a economia fluminense está desajustada:

— A economia fluminense está desajustada em todos os sentidos, inclusive na política.

*Estagiária, sob supervisão de Cássia Almeida



Recuperação lenta. Comunidade na região dos Jesuítas, em Santa Cruz, sem saneamento básico. Pobreza no estado atinge 3,55 milhões de pessoas, que têm renda de até meio salário mínimo



ALEXANDRE CASSIANO

EFEITO COVID **Pobreza no Rio na contramão do país**

Em movimento inverso ao que ocorre no país, o número de pobres cresceu no Estado do Rio. Segundo estudo do economista Marcelo Neri, diretor da FGV Social, 270 mil fluminenses entraram na pobreza em agosto. O peso do setor de serviços, que vem tendo recuperação mais lenta no Rio e é maior que a média do país, colaborou para o movimento. Outros fatores são a alta informalidade e o impacto do auxílio emergencial ser menor que em outros estados. **PÁGINA 21**

Informais. Os trabalhadores por conta própria, como os ambulantes, foram os que mais sofreram o impacto das medidas de quarentena, com queda brusca de renda que resultou no aumento da pobreza no Rio